

Amor ao Bem

Volume I



Monge Tyāgo



Namo Dhammāya

Reverência ao Bem



Monge Tyāgo

“

A etiqueta de preço? Ausente.

Com a doação, um coração contente.

Nada pede ou espera em troca.

O Bem – o Dharma – é o maior presente.

Autor do poema 'Amor ao Bem:' **Monge Tyāgo**

Tradução dos textos canônicos para o português: **Monge Tyāgo**

Projeto gráfico de capa e miolo: **Renan Castro**

Sumário

Abreviações

Kd	Vinaya Khandhaka	Dhp	Dhammapada
DN	Dīgha Nikāya	Snp	Sutta Nipāta
MN	Majjhima Nikāya	Ud	Udāna
SN	Saṃyutta Nikāya	Iti	Itivuttaka
AN	Aṅguttara Nikāya	Ja	Jātaka

Amor ao Bem.....	6
As Palavras do Buda	16
<i>A primavera, ela envelhece</i>	
1. Ao Bahadrako (SN 42.11).....	17
2. Ao Hatthaka (AN 3.35).....	20
O tempo, como ele voa (SN 1.4)	23
<i>Não crie marcas, seja inocente</i>	
3. Ações (AN 4.233).....	24
Desenredado ele é da rede (Dhp 180).....	26
<i>Um incêndio queima este mundo</i>	
4. Sem Lágrimas (Ja 328)	27
5. Não Há Quem Assegure (AN 5.48)	32
Colofão	35
Notas de Tradução.....	37
Bibliografia	38



Amor ao Bem

Parte 1





*Bela como a primavera.
Estremeço como no inverno.
Houve paixão nesse veraneio.
Do outono sair não quero.*



*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*



*Deixe marcas, encante, assombre,
viva com graça, faça memórias.
Ria, divirta-se, apaixone-se,
abraça, beije, dance na orla.*



*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*



*Flamejante flecha me atinge.
Pleno pulmão, grito em silêncio.
Meu peito diz: “como quero tê-la!”,
mas, mesmo a tendo, eu não a tenho!*



*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*



*De onde eu venho? Pra onde eu rumo?
O que eu faço aqui comigo?
Em meio a tanto desejo e medo,
besta, nem sei sobre o que pergunto...*



*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento,
sê inocente, larga o que arde.*



*Há tantos problemas neste mundo!
Estudo, estudo, tenho idéias:
“Eis o caminho pra melhoria,
mas este povo aqui é tão cego!”*



*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

*Não senta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*



*Como ser feliz nesta vida
em meio ao caos, trabalho e família?
Como se aguenta o sofrimento?
E sobre a morte, o que me diria?*



*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Agente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
“Dia da mentira”, o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, agente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
“Mero plástico” vê no espelho.*

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Fique onde o coração entenece,
na companhia de gente simples.
Do humilde, faça o seu mestre.
Um paraíso assim que se cria:*

*Aprenda a cuidar dos outros
sem no entanto incomodá-los.
Constantemente, traga isto à mente:
“Precisariam eles de algo?”*

*Perdoe-os pelo que fazem
sem raiva – chore se necessário.
Do bolo, dê-lhes a melhor parte.
Aprenda o prazer que há nesses atos.*

*Ao seu redor, feliz, sirva à todos.
Aprenda a ser contente com pouco.
Muito estudo, um emprego saudável.
Pôr do sol, café, chá, biscoitos.*

*Querendo e achando uma candidata,
pergunte-a: “amor? ou, então, amizade?”
Se “amizade” ela responde,
convide-a ao altar. Com ela, case.*

*Pois amizade é amor verdadeiro.
Casal amigo é pra toda a vida.
Já inimigos que dormem juntos:
dia após dia, amarga ruína.*

*Os pais idosos, sempre os ampare.
Se difíceis, com paciência.
Se violentos, deles se afaste.
De longe cuide-os, não os maltrate.*

*Os mais velhos, sempre os respeite.
Ancestral é essa lei, de fato!
Quando anciões se fazem presentes,
levante-se e pause o papo.*

*Abra caminho, dê-lhes assento.
Fique em pé até que se sentem.
Mude seus modos e como fala.
Seja dócil estando com eles.*

*De coração, anciões bondosos
pelos jovens tem piedade.
Com as honras não se envergonham.
Deixam-se cuidar e são tão gratos.*

*Tão grande, ainda, é o dedicado
que não se tenta fazer mais alto
do que o irmão, amigo ou colega
que são mais velhos. Ele os acata.*

*Seja inocente como a criança.
Infantilidade, deixe de lado.
Sempre amável, jovial e sóbrio
e não, juvenil e mal-educado.*

*Tenha amor pela reverência,
seja modesto, oferte respeito,
tenha pudor; na cara, vergonha,
e será querido onde há bem presente.*

*Não faça que outros o respeitem.
Queiras apenas limpar tuas falhas.
Se elogio a ti é jogado
não o pegues; deixes que caia.*

*Aos teus olhos, teus próprios erros.
O erro do outro é como o seu cinto:
Embora ele o esteja usando
não há porque nos ocupar nisso.*

*Antes de criticar, encorage.
Antes de ensinar, seja o exemplo.
Não tire sarro, não faça escárnio,
seja apenas um bom amigo.*

*Se criticado, ouça com cuidado
refletindo profundamente.
Dê o braço a torcer pela verdade
(guarde sua queixa pra outro momento).*

*Seja aberto sobre suas falhas,
sempre sincero ao pedir desculpas.
Dedicado a redimir-se,
o sol brilha afastando as sombras.*

*Deixe suas crenças e os seus valores
e sentimentos por um momento.
Então, veja, sinta e entenda
como outros sentem e entendem o mundo.*

*Procure entender o que é a falta.
Gratidão terá, assim, por tudo.
O cheiro ruim do mimo o deixa
e sensível será com o mundo.*

*Em tempos de paz, tanta folia.
Em grande crise, o povo deprime!
Com fé no bem, os mansos solidários
em meio à crise ainda são felizes.*

*Largue as drogas e álcool pra sempre.
Faça um retiro a cada quinzena:
Durma pouco, jejum, silêncio
Medita muito (Abstinência!)*

*Tua presunção e tua arrogância,
o teu orgulho que te exalta,
tua vaidade e o teu cinismo...
tais poeiras: dá-lhes um basta!*

*Um terno coração, inofensivo.
A mente: lúcida e grandiosa,
sem uma mancha, muita bondade,
experiência divina toca.*

*Não há como praticar isso
imerso em si e no seu trabalho.
Sábio, escolha um meio de vida
que se harmonize à felicidade.*

*Pois é assim que há muitos frutos
quando há virtude e o mal é deixado.
Largue o que é ruim já, e o bem pratique
a hora da morte nunca se sabe.*

*Assim a perdição se evita.
Assim morrendo, não sente medo.
Do outro lado, feliz é a vida
e aqui mesmo feliz viveras.*



Buddhavadana

As Palavras do Buda



Isto é o que
foi dito:

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

Por que motivo
isso foi dito?



1. Ao Bahadrako

Uma vez, quando o Bhagavam Buda¹ estava vivendo entre os mallaenses², em uma vila chamada Uruvelakappa, o patriarca da vila, chamado Bhadrako, se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, por favor, que o Bhagavam me ensine sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento.

— *Patriarca, se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no passado dizendo “era assim no passado,” vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no futuro dizendo “assim será no futuro”, vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Ao invés disso, enquanto estou sentado aqui e enquanto estais sentado aí mesmo, eu vos ensinarei sobre a originação*

-
1. **Bhagavam:** significa, literalmente, “cheio de fortuna”. É uma forma elevada de se referir à uma pessoa importante e é a maneira pela qual o Buda (lit. “o Desperto”) era chamado pelos seus seguidores.
 2. **Mallaenses:** habitantes do reino de Malla, parte de dezesseis reinos poderosos da Índia antiga. Nos relatos da invasão da Índia iniciada por Alexandre o Grande eles são identificados como Malloi.

e o desaparecimento do sofrimento. Que o patriarca ouça e preste bem atenção ao que eu digo.

“Sim, mestre”, respondeu o patriarca Bhadrako. Então, o Bhagavam Buda disse o seguinte:

— O que o patriarca acha? Existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Ainda, patriarca, existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Patriarca, qual a causa, qual a condição para que, com a punição, prisão, multa ou condenação de uma pessoa de Uruvelakappa, surjam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu tenho por elas desejo e paixão. E em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu não tenho por elas desejo e paixão.

— *Patriarca, por meio dessas experiências visíveis, imediatas, acessíveis e penetráveis, podeis inferir sobre o passado e futuro o seguinte: “Quaisquer sofrimentos surgidos no passado, todos eles surgiram tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento. Quaisquer sofrimentos que surjam no futuro, todos eles surgirão tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Como isso foi bem dito pelo mestre! “Quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. Mestre, meu filho Ciravási vive em uma casa distante. Ao acordar cedo, eu digo pra alguém: “Rapaz, vá e descubra como está Ciravási”. Mestre, enquanto esse rapaz não retorna, eu vivo desorientado pensando: “Que nenhuma adversidade aconteça ao Ciravási!”

— *O que o patriarca acha? Se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, a minha vida inteira seria alterada! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. O que o patriarca acha? Antes de terdes visto e ouvido a mãe de Ciravási, havia desejo, paixão ou amor por ela?*

— Não mesmo, mestre.

— *Patriarca, teria sido depois de vê-la e ouvi-la que passou a haver desejo, paixão ou amor por ela?*

— Sim, mestre.

— *O que o patriarca acha? Se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, eu viveria desorientado! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

2. Ao Hatthaka

Uma vez, quando o Bhagavam Buda estava em Álavi, no parque de jasmim laranja sentado em um monte de folhas espalhadas sobre uma trilha de gado, Hatthaka de Álavi o viu ali sentado enquanto fazia a sua caminhada. Ao se aproximar e cumprimentá-lo, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

— O mestre dormiu bem?

— *Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.*

— Mestre, as noites de inverno são geladas e agora estamos no período em que neva. O solo pisado pelos cascos das vacas é duro e a camada de folhas no chão é fina. As árvores têm

poucas folhas, as vestes estão frias e frio também é o vento que do norte sopra. E, mesmo assim, o mestre diz: “Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.”

— *Sobre isso, jovem, eu responderei fazendo perguntas: da maneira que parece ao jovem, dessa maneira, então, que ele responda. Suponhamos que um dono de casa vive em uma casa bem coberta e bem fechada, sem correntes de ar, com as fechaduras trancadas e as janelas fechadas. Lá dentro haveria um sofá com cobertores de lã peludos, branco puro ou bordado com flores, coberto com uma bela pele de cervo. Ainda haveria um baldaquim acima e almofadas vermelhas nas duas extremidades. Enquanto uma lâmpada de óleo queima, as suas quatro esposas estariam servindo ele de forma extremamente agradável. O que o jovem acha? Ele dormiria bem ou não dormiria bem?*

— Mestre, ele dormiria bem. Entre as pessoas que dormem bem no mundo, ele seria uma delas.

— *Mas seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata³ abandonou a paixão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto,*

3. **Tathágata:** um epíteto que se refere às pessoas que alcançaram a perfeição: “a pessoa suprema, a pessoa excelente, aquela que realizou a maior realização.”

eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal?

— Sim, mestre.

— Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou o ódio, ele o cortou na raiz, fez dele um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto, eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal?

— Sim, mestre.

— Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou a ilusão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto eu dormi bem.



“O tempo, como ele voa!
As noites, como elas passam!
Cada fase de nossas vidas
aos poucos nos abandonam.

Preocupado com o perigo
da morte, aquele que tem à vista
a paz suprema, então, procura
largar, do mundo, a sua isca.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

*Isto é o que
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



3. Ações

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, eu declaro estes quatro tipos de ações tendo-os realizado por conhecimento direto. Quais quatro?

Monges, existem ações escuras cujos frutos são escuros.

Monges, existem ações claras cujos frutos são claros.

Monges, existem ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, existem ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, e o que são ações escuras cujos frutos são escuros?

Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva, ela surge em um mundo lesivo onde contatos lesivos a tocam. Tocada por contatos lesivos, ela sente sensações exclusivamente dolorosas — como os seres no inferno. Monges, essas se chamam ações escuras cujos frutos são escuros.

Monges, e o que são ações claras cujos frutos são claros?

Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental inofensiva. Tendo produzido atividade corporal,

verbal e mental inofensiva, ela surge em um mundo inofensivo onde contatos inofensivos a tocam. Tocada por contatos inofensivos, ela sente sensações exclusivamente prazerosas — como os seres celestes gloriosos. Monges, essas se chamam ações claras cujos frutos são claros.

Monges, e o que são ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros? Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva, ela surge em um mundo lesivo e inofensivo onde contatos lesivos e inofensivos a tocam. Tocada por contatos lesivos e inofensivos, ela sente uma mistura de sensações prazerosas e dolorosas — como os seres humanos, alguns seres celestes e alguns seres em maus destinos. Monges, essas se chamam ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros.

Monges, e o que são ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros? Aqui, monges, é a intenção de abandonar quaisquer ações escuras cujos frutos são escuros, é a intenção de abandonar quaisquer ações claras cujos frutos são claros e a intenção de abandonar quaisquer ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, essas se chamam ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, esses são os quatro tipos de ações que eu declaro tendo-os realizado por conhecimento direto.



“Desenredado ele é da rede.
Pela sede, não mais guiado.
Tal infinito campo do Buda.
Cadê seu rastro, se não há passos?”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abraque.
No papel, traços cor de água.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



4. Sem Lágrimas

Uma vez, na Índia antiga, um certo camponês perdeu a sua esposa. Após a morte dela, ele não mais trabalhava, não tomava banho e esquecia de comer. Todos os dias ele andava sem rumo pelo cemitério, chorando pela esposa falecida. Em uma certa manhã, o Bhagavam Buda foi com o seu atendente visitar o camponês. Assim que o camponês o viu, ele fez-lhe uma reverência, preparou-lhe um assento e convidou-o a entrar e sentar-se. Em seguida, tendo ele mesmo sentado em um canto, o Bhagavam Buda disse-lhe o seguinte:

— *Amigo, o que o preocupa?*

— Venerável senhor, minha esposa faleceu, por isso estou deprimido.

— *Amigo, o que é da natureza de morrer, morre. Quando isso acontece, portanto, não há por que ficar deprimido. Há muito tempo atrás, quando um sábio perdeu a sua esposa, sabendo desse fato, não chorou.*

Então, a pedido do camponês, o Bhagavam contou-lhe esta história:

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva⁴ nasceu em uma família de

brâmanes⁵. Após terminar a sua educação em Takkasilá, ele retornou à Báranasi, quando os seus pais passaram a insistir para que ele se casasse. Porém ele respondeu que não tinha interesse. “Quando vocês partirem”, disse-lhes, “eu me tornarei um recluso⁶, então, não faz sentido me casar”. Mas os seus pais continuaram a insistir para que se casasse:

— Bobagem! Nós iremos arrumar uma esposa para você.

Então, certo dia, ele mostrou-lhes uma estátua de ouro de uma belíssima mulher e disse-lhes:

— Queridos pais, se conseguirem encontrar uma esposa tão

-
4. **Bodhisatva:** na tradição budista, um bodhisatva é alguém que passa muitas e muitas vidas aperfeiçoando a sua generosidade, caráter, meditação e sabedoria, para que, com o desaparecimento do Budismo, ele se torne um Buda, redescobrimo as leis que regem a felicidade e sofrimento dos seres e reintroduzindo essa Doutrina no mundo. Muitas das histórias aqui contadas narram as vidas passadas do Bhagavam Gautama (aquele que se tornou o último Buda), antes de ter realizado o Despertar, quando ele ainda era um bodhisatva buscando realizar o fim do sofrimento.
 5. **Brâmanes:** pessoas dedicadas à religião dos Vedas. Formavam clãs e se desenvolveram em castas hereditárias de sacerdotes. Nos tempos do Bhagavam Buda, as crenças e práticas espirituais que eles promoviam se tornaram bastante variadas. Nessa época, eles ainda experimentavam grande prestígio apesar das frequentes críticas que recebiam da sociedade devido a sua conduta duvidosa. Em certos discursos, o Bhagavam reformula o termo “brâmane” de tal maneira que esse termo passa a se referir à pessoa verdadeiramente erudita, a pessoa que realizou a verdadeira sabedoria.
 6. **Recluso:** um asceta, eremita ou beguino. Uma pessoa que renuncia o mundo, o modo de vida da sociedade, e passa a viver uma vida dedicada à espiritualidade, vivendo em retiro, afastado, perto da natureza. Em certos discursos, o Bhagavam usa o termo “recluso” para se referir à pessoa que se dedica à calma, à paciência; que se dedica à pacificar a sua conduta. Assim, o par “reclusos e brâmanes”, frequentemente encontrado nos discursos do Bhagavam, por vezes, se referem não apenas aos reclusos e aos brâmanes, no seu sentindo comum, mas também, metaforicamente, às pessoas que buscam realizar ambas as perfeições da conduta e da sabedoria.

bela quando esta estátua, eu aceitarei casar-me com ela.

Colocando a estátua em uma carruagem, os pais instruíram os seus empregados a levá-la por toda a região em busca de uma mulher que se parecesse com ela. Ao encontrar tal mulher, eles deveriam presentear os seus pais com a estátua de ouro e pedir-lhes que ela case com seu filho.

Mesmo antes de sair do reino, ao vagar em certa vila, a carruagem despertou a curiosidade de algumas pessoas: “Por que é que Samíla está andando nesta carroça?”, murmuravam uns aos outros.

— Quem é Samíla? — perguntaram os empregados.

— Ela é a filha de um rico brâmane desta vila! E, nossa, ela parece muito com esta estátua de ouro!

Os empregados, então, perguntaram onde era a casa desta família, e as pessoas os levaram até lá. Ao chegarem, eles se apresentaram, presentearam os pais de Samíla com a estátua e disseram que o seu patrão gostaria que ela fosse noiva de seu filho. Os pais aceitaram imediatamente. Porém a filha não tinha interesse algum em casamento:

— Quando vocês partirem — disse-lhes — eu me tornarei uma reclusa, então, não faz sentido me casar.

— Bobagem! — disseram os seus pais. — Vá arrumar as suas bagagens, você partirá com os visitantes para se casar com seu noivo!

Foi, então, que o casamento aconteceu mesmo sem o desejo do casal. Após casarem-se, embora compartilhassem a mesma cama, eles não tinham paixão alguma e viviam como reclusos em um eremitério. Quando os pais do jovem faleceram, ele preparou o velório com todo o cuidado e

devoção. Após as homenagens, ele se dirigiu a sua esposa e disse-lhe:

— Querida esposa, meus pais eram ricos, e estou certo de que os seus pais também são. Seja como for, você pode ficar com tudo, pois eu gostaria de ser um recluso.

— Querido esposo, eu não tenho desejo de continuar a viver a vida doméstica. Eu, também, quero ser uma reclusa.

— Muito bem! Vamos, então, viver na floresta.

Rapidamente eles doaram as suas posses para os necessitados e para os eremitas e religiosos que vivem de forma pura. Doaram tudo, como se toda a riqueza não fosse nada de especial para eles. Por fim, deixaram Báranasi e foram viver perto das montanhas, nos Himalaias, onde construíram duas cabanas e passaram a viver dedicados à meditação.

Certa vez, no início da estação das chuvas, eles saíram em busca de medicamentos. Ao chegarem em Báranasi, no entanto, Samíla teve disenteria e eles tiveram que se estabelecer no parque. Com o passar do tempo, sem terem conseguido medicamentos, ela enfraqueceu vertiginosamente. Assim, numa manhã, o recluso a deitou em um banco no parque e saiu com a sua tigela de mendicância para obter comida para os dois. Pouco depois de partir, Samíla deu os seus últimos suspiros. As pessoas que visitavam o parque naquela manhã notaram essa bela mulher deitada sem vida e, comovidos, choraram abertamente.

Quando o recluso retornou, encontrou uma aglomeração de pessoas ao redor do banco e se perguntou o que teria acontecido. Ao ouvir que uma bela mulher deitada no banco havia falecido, ele murmurou calmamente: “O que é da

natureza de morrer, morreu. Todas as atividades são impermanentes, é assim que elas são.” Em seguida, ele sentou-se em um canto sozinho e comeu a comida em sua tigela de esmola. Ao terminar de comer, as pessoas lhe perguntaram:

— Venerável, o que esta venerável senhora era para o senhor?

— *Quando eu vivia a vida doméstica, ela era minha esposa.*

— Mas, venerável, por que o senhor não chora por ela? Nós, que nem a conhecíamos, não conseguimos nos controlar...

O recluso, então, respondeu em versos:

*Ó senhora, tendo partido
como a mim tu pertencerias?*

*Por ti chorar, então, eu não choro,
ó Samíla, esposa querida.*

*Por tudo aquilo que não se encontra,
por tudo isso, pessoas choram.*

*A si mesmos se amargurando
assim, às mãos da morte retornam.*

*Estando em pé ou mesmo sentado
ou, também, quando se caminha,
de olho aberto ou de olho fechado
eis, de repente, o fim desta vida.*

*Tudo é deixado pela metade.
Separação é uma certeza.
Sejam bons com os seres que restam
e abstenham-se da tristeza.*

Assim o recluso ensinou-lhes sobre a impermanência. Após o velório de Samíla, o recluso retornou aos Himalaias, onde

viveu meditando. Ao morrer, ele renasceu no reino de Brâma⁷.

5. Não Há Quem Assegure

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas⁸, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo. Quais cinco?

(1) “Que aquilo que é da natureza de envelhecer não envelheça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(2) “Que aquilo que é da natureza de adoecer não adoeca:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(3) “Que aquilo que é da natureza de morrer não morra:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em

7. **Brâma:** o nome dado pelos indianos a Deus. O reino de Brâma é um paraíso superior no entendimento budista, povoado por seres exclusivamente bondosos em uma existência exclusivamente prazerosa — diferente de reinos celestes inferiores como Tavatimsa (ver nota 31) onde os seres que lá habitam ainda são levados por ganância, raiva, ignorância e presunção.

8. **Devas:** seres celestes, ou *devas*, são seres que vivem em paraísos e existências mais prazerosas do que a existência humana. Na tradição budista, entende-se que eles ajudam seres humanos de vez em quando, particularmente, as pessoas boas e virtuosas. Assim, são entendidos como anjos.

todo esse universo.

(4) “Que aquilo que é da natureza de esgotar não esgote:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(5) “Que aquilo que é da natureza de desaparecer não desapareça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

Monges, aquilo que uma pessoa desinformada tem que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ela não reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso, eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Sem refletir dessa maneira, ela entristece, fica angustiadada, lamenta, bate as mãos no peito e chora confusa por conta disso. Monges, essa se chama “a pessoa desinformada que, atingida pelo anzol envenenado da tristeza, atormenta a si mesma.”

Monges, aquilo que um nobre discípulo tem que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ele reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Ao refletir dessa maneira, ele não entristece, não fica angustiado, não lamenta, não bate as mãos no peito e não chora confuso por conta disso. Monges, esse se chama “o nobre discípulo que retirou o anzol envenenado da tristeza, o anzol que leva a pessoa desinformada a atormentar a si mesma”. Sem tristeza, sem anzol, ele encontra a paz genuína.

Monges, essas são as cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

Colofão

Uma vez, um monge disse a outro monge:

— No que tanto pensas?

— *Estou tentando descobrir como explicar para a minha família e para os meus amigos o que significa ter me tornado um monge.*

— Se descobrir, por favor, me avisa.



Escrito em Setembro de 2022, durante a minha estada no Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), em Alto Paraíso de Goiás - GO, o poema “Amor ao Bem” é, por um lado, uma tentativa de conduzir parentes e amigos interessados a um significado genuíno do Budismo. O formato do livro, talvez, seja inesperado. Quem sabe o leitor se alegre ainda ao descobrir que monges em séculos passados não fizeram diferente: eles escreveram epístolas poéticas explicando o seu entendimento sobre os ensinamentos do Bhagavam Gautama Buda. Por exemplo, o ven. Nāgārjūna, na Índia, escreveu para o rei Sātavahāna e, no Sri Lanka, o ven. Kavicakkavatti Ānanda escreveu para o seu amigo, o ven. Buddhasoma.

Assim, esta introdução ao Budismo continua uma tradição de mais de dois mil anos. Porém, enquanto que as palavras desses veneráveis do passado se tornaram textos raiz, fontes de comentários e alvos de estudos por parte das gerações posteriores, o “Amor ao Bem” é mera desculpa para

apresentar as palavras do Bhagavam da maneira como foram primorosamente preservadas no cânone em páli (esta, a sua língua original). Para o monge que aqui escreve, esses, sim, são os textos raiz. Já os versos com os quais adorno-os são apenas pequenos comentários.

Se, por um lado, “Amor ao Bem” é uma carta dedicada aos que me rodearam nesta vida, por outro, eu espero que seja, para aqueles que buscam no escuro, uma preciosa lamparina.

Monge Tyāgo
Santuário Sāsanarakkha, Malásia
Setembro de 2023

Notas de Tradução

Todos os textos traduzidos nesta obra (discursos, excertos, histórias e versos canônicos) fazem parte do *tipiṭaka pāli*, o cânone páli budista que preserva os antigos ensinamentos do Bhagavam há mais de dois milênios em sua língua original. Em sua maior parte, os textos em páli foram consultados no website suttacentral.net (Sujāto, 2005), que, por sua vez, hospeda uma cópia da edição do *tipiṭaka Mahasangīti*, da linhagem burmesa⁹. Ainda, foram consultadas traduções em inglês desses textos feitas por Sujāto (2005), Ñānamoli (1995), Bodhi (2012, 2000), Cowell et al. (1880) e Kawasaki et al. (2018), além de textos paralelos encontrados no cânone chinês. As histórias *jātakas* (Ja) foram traduzidas a partir de traduções do inglês, com leves adaptações, enquanto que os seus versos foram traduzidos do páli. Textos em itálico que por vezes introduzem ou finalizam um texto não fazem parte do original, sendo meramente contextualizações fornecidas por este que escreve. Títulos foram dados aos discursos que, originalmente, não possuem título e, em alguns casos, o título foi alterado em nome da legibilidade.

Salvo quaisquer restrições impostas pelas obras que aqui se encontram derivadas, toda esta obra é de domínio público.

9. O texto original e outras traduções podem ser consultados seguindo a referência no [Sumário](#) de acordo com a seção *Abreviações*.

Bibliografia

Bodhi, Bhikkhu. *The Connected Discourses of the Buddha : a Translation of the Samyutta Nikaya*. Wisdom Publications, 2000.

Bodhi, Bhikkhu. *The Numerical Discourses of the Buddha : a Translation of the Anguttara Nikaya*. Wisdom Publications, 2012.

Kawasaki, Ken. Kawasaki, Visakha. *Jataka Tales of the Buddha - Volume I-III*. Pariyatti Press, 2018.

Ñanamoli, Bhikkhu. *The Middle Length Discourses of the Buddha: A Translation of the Majjhima Nikaya*. Wisdom Publications, 1995.

T.W. Rhys Davids, et al. *The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*. Cambridge, 1895-1907.

Sujāto, Bhikkhu. *Suttacentral*. <https://suttacentral.net>.